



*José Duarte Vannucchi (\*)*

## ***Estrangeirismos na Língua Portuguesa***

(\*) Mestre em Lingüística pela PUC-Campinas (SP), 1976. Professor de Língua Portuguesa e de Prática de Ensino de Língua Portuguesa na Universidade de Sorocaba - UNISO



**RESUMO**

O autor discorre sobre a questão sempre atual do uso de palavras de outras línguas no Português, detendo-se, especialmente, em alguns aspectos, como processo de aportuguesamento, anglicização, reação purista, emprego de equivalentes vernáculos etc.

**ABSTRACT**

*The author discourses on the always present subject of the usage of words from other languages in Portuguese, specifically discussing some aspects such as the process of making foreign words resemble Portuguese in form, of anglicizing, of purist reaction, of usage of vernacular equivalents etc...*

*“A língua é o nosso bem coletivo”* .(Angel Rosenblat)

Antes de tudo, convém lembrar que a migração de palavras e, mais raramente, de estruturas sintáticas de uma língua para outra sempre ocorreu; no Latim, por exemplo, há muitos helenismos, como consequência da notável influência grega sobre Roma, na língua e na literatura. (Quintiliano chegou a propor que a instrução das crianças romanas começasse com o aprendizado do Grego. E ficou famosa a afirmação de Horácio: “*Graecia capta ferum victorem cepit*”. Tradução: A Grécia conquistada conquistou a seu feroz vencedor).

O ingresso de estrangeirismos no nosso idioma começou há muito tempo, em Portugal, quando o mundo estava longe de ser a “aldeia global” de hoje.

### **Pureza, não; contaminação, sim**

Não se pode falar de língua pura (em que momento de sua história o Português foi uma língua pura?), como não se pode falar de raça pura <sup>1</sup>. Pode-se falar, sim, de línguas mais contaminadas ou menos contaminadas por outras. Por exemplo: o Inglês e uma língua indígena brasileira são pouco contaminadas e por razões bem diferentes: o Inglês, principalmente por ser o idioma de dois países economicamente fortes, como os Estados Unidos e a Inglaterra; a humilde língua indígena, por ser ágrafa e por causa do isolamento geográfico e social (que gera o isolamento lingüístico) e falta de prestígio das populações, que a usam, junto ao chamado mundo civilizado.

### **Questão de prestígio**

O fato é que a entrada de palavras, que L. Bloomfield denominou “empréstimos culturais”(em oposição aos “empréstimos íntimos”), de uma língua em outra é, absolutamente, inevitável (não nos esqueçamos de que o léxico, que é sempre um repertório aberto, constitui a parte mais vulnerável de uma língua), e a intensidade

---

<sup>1</sup> “Quando gramáticos e escritores, para resguardo da pureza idiomática - entendida como suprema virtude da expressão - propõem uma rigorosa barreira alfandegária à entrada de termos e construções estrangeiras, que conceito têm de pureza? O português é o latim numa evolução de vinte séculos, ao qual cedo se incorporaram elementos gregos, das línguas indígenas da Península Ibérica, dos conquistadores godos e árabes e, posteriormente, uma quantidade enorme de palavras francesas, provençais, italianas, espanholas, inglesas, alemãs e, também, das línguas africanas, asiáticas e americanas. Que significa então português puro?” São palavras de Celso Cunha (**Língua Portuguesa e realidade nacional**, p. 29).

com que isso pode ocorrer está diretamente relacionada com a importância que tem o país no plano internacional. Acontece, aqui, em escala mundial, o que, em escala nacional, acontece por força da chamada irradiação urbana: o mais forte, o mais importante domina o mais fraco, o menos importante. Se isso se dá na economia, na ideologia, na diplomacia etc., se dá também na língua.

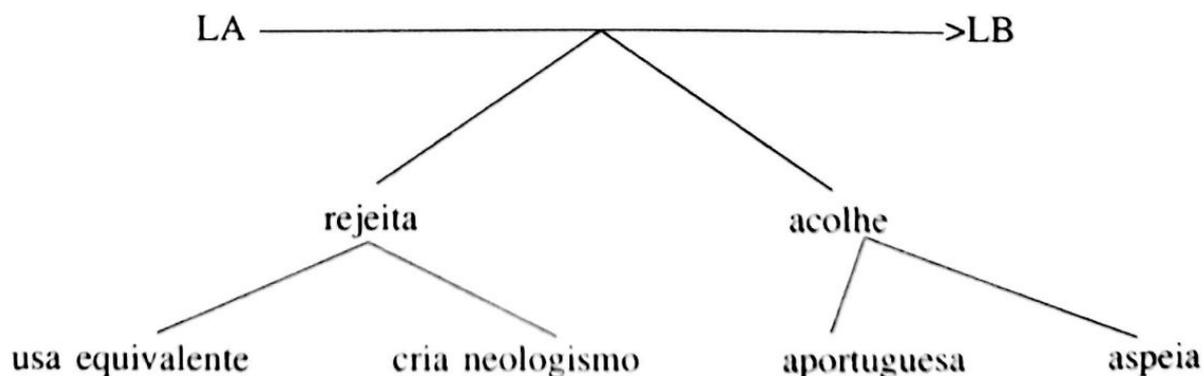
O prestígio de um idioma deve-se a fatores de ordem econômica, ideológica, cultural, artística etc. É sobejamente sabido que não há línguas superiores ou inferiores, “civilizadas” ou “primitivas”; uma língua pode ser mais complexa e mais importante que outras, mas, intrinsecamente, todas são iguais e cada uma se basta e basta ao povo que por ela se comunica. Qualquer língua, importante ou obscura, sempre porá ao alcance dos seus usuários os recursos de que eles necessitam para exteriorizar tudo o que pensam e sentem, por sutil que seja. Falhas, deficiências ou imperfeições na comunicação verbal não podem ser atribuídas ao sistema lingüístico, mas ao falante.

### Rejeição e aceitação

Ocorre no plano idiomático o que acontece nas relações comerciais: há países mais exportadores que importadores de léxico. A língua do país economicamente mais forte (lembremo-nos de que quem tem o poder econômico tem, em tese, também, o poder lingüístico; a História comprova isso, fartamente) é muito mais exportadora que receptora; a língua do país economicamente mais fraco é, naturalmente, muito mais receptora; caso do Brasil, por exemplo.

A migração vocabular dá-se, mais ou menos, assim: a língua A (LA) exporta determinada palavra ou expressão para a língua B (LB); LB (o Português, por exemplo) pode rejeitar ou acolher o empréstimo; pode rejeitar por duas razões: porque tem equivalente ou porque, não tendo equivalente, cria neologismo; pode acolher; se acolher, tem dois caminhos: submete o estrangeirismo ao processo de aportuguesamento ou marca graficamente o caráter não vernáculo através das aspas.

Esquemáticamente, teríamos isto:



### Capacidade de assimilação

Os idiomas têm também capacidade de absorver, quando querem ou precisam, corpos estranhos ao seu tecido lingüístico, que não sofrerá dano algum, não correrá nenhum risco, desde que tudo aconteça dentro das regras e de limites aceitáveis, bem como têm capacidade de, através de mecanismos próprios, produzir neologismos.

No caso do Português, muitos foram criados para substituir empréstimos de variada procedência, como **ludopédio** (para **football**), **cinesífero** (para **chauffeur**), **convescote** (para **picnic**), **protofonia** (para **ouverture**), **pedâmbulo** (para o anglicismo **tourist** pelo galicismo **touriste**); **lucivéu** (para **abat-jour**), **hipogelétrico** (para **metrô**): **preconício** (para **réclame**); **ancenúbio** (para **nuance**).

### Atitude correta

Diante da inevitabilidade do intercâmbio entre as línguas, que é conseqüência do intercâmbio social, deve-se pensar em meios que possam preservar o Português, o quanto possível, de influência alienígena <sup>2</sup>.

Parece que a atitude correta, de bom senso, é esta: a) em primeiro lugar, é necessário evitar, com todo o empenho, a importação de vocábulos para os quais temos equivalentes; b) se o estrangeirismo se incorporou ao léxico corrente, porque necessário ou indevidamente, então, deve ser aportuguesado.

Se o que está afirmado em (a) tivesse sido sempre levado a sério, como acontece, por exemplo, na França, certamente seria bem menor o número de empréstimos na nossa língua.

### Anglicismos dispensáveis

Como a grande invasão, hoje, é de anglicismos, relacionamos, a seguir, alguns totalmente dispensáveis (embora muito usados) e seus sinônimos em Português: **camping** (**campismo**), **charter**(**fretado, avião alugado**), **commodity** (**mercadoria**), **drink** (**aperitivo**), **feed back** (**retorno**) **franchise** (**licença comercial**), **guard rail** (**defensa**), **hall** (**saguão**), **hobby** (**lazer, passatempo**), **outdoor** (**painel**), **performance** (**atuação, desempenho**), **poster** (**quadro, cartaz**), **rack** (**estante**), **ranking** (**colocação, posição**), **rush** (**congestionamento**), **script** (**texto, roteiro**), **shopping center** (**centro comercial**), **show**

---

<sup>2</sup>“Tal sistema de trocas parece tão corrente e normal quanto o das trocas no plano econômico. Mostra a solidariedade dos grupos humanos tanto nos fatos do pensamento e da linguagem como nos fatos econômicos e a necessidade de comunicações recíprocas. Nenhum povo pode bastar-se a si mesmo, nem viver segregado dos outros povos. Como a autarquia econômica, a autarquia intelectual é um mito e uma regressão”. (Albert Dauzat, **Tableau de la Langue Française**, p. 55).

(espetáculo), **show room** (exposição), **software** (programa de computador), **spray** (vaporizador), **stress** (exaustão, tensão), **ticket** (bilhete, ingresso), **trust** (cartel), **vídeo tape** (videofita ou fita de vídeo), **AIDS** (SIDA, como se usa em Portugal e na Espanha).

### À moda da casa

Com relação ao aportuguesamento, deve ele concretizar-se, se a palavra estrangeira “pegou”. O aportuguesamento é indispensável; do contrário, a língua ficaria desfigurada com o registro gráfico de palavras de línguas diferentes, com grafias inteiramente estranhas ao nosso sistema lingüístico. Seriam estranhos no ninho...

Basicamente, é um processo que consiste em dar ao estrangeirismo uma roupagem portuguesa, um acabamento português, ou “a fisionomia mórfica da língua importadora”, como prefere Matoso Câmara<sup>3</sup>; consiste em enquadrá-lo nas nossas regras morfológicas, deixá-lo à moda da casa, com a nossa cara, com a cara da nossa mui amada e tão maltratada Língua Portuguesa. E, ao mesmo tempo, **deve resguardar, o mais fielmente possível, a pronúncia que a palavra tem na língua de origem.** A possibilidade do aportuguesamento, entretanto, não deve ser estímulo para o uso desnecessário de estrangeirismos.

Observando-se as palavras aportuguesadas, verificamos que a maioria mantém a pronúncia original, enquanto algumas nem tanto, até porque, muitas vezes, não há em Português material sônico que corresponda exatamente ao material importando.

Aportuguesamento perfeito temos, por exemplo, em **maillot > maiô, boite > boate, bouquet > buquê, mayonnaise > maionese, boutique > butique, pull-over > pulôver, lunch > lanche, élite > elite, omelette > omelete** (mas **omeleta**, em Portugal), **beef > bife, club > clube, all’arme > alarme, ciao > chau ou tchau, mantilla > mantilha, casse tête > cassetete, chef > chefe.**

“Mas, há também empréstimos vocabulares que não atendem rigorosamente ao critério de aportuguesamento, visto acima.

Alguns casos: **mozzarella** está aportuguesado como **mozarela**, que não “pegou”, pois quase todos dizem **mussarela**; **rotisserie** (que, na França, é estabelecimento que vende carne assada), virou **rotisseria**, em lugar da forma desejável **rotisserri** (e, no Brasil, segundo o dicionário, é a “seção onde, nos supermercados, se vende presunto, queijo e outras viandas”); aliás, não é só em supermercados que há rotisseries e nelas se vendem muitas outras coisas); **maquillage** pode ser maquiagem (fiel à pronúncia francesa) ou **maquilagem**; **spaghetti** deu **espagete** e **gnocchi** deu **nhoque**; **box** deve ser escrito **boxe** e não **box**.

<sup>3</sup> *Princípios de Lingüística Geral*, p. 308.

(Obs.: no que diz respeito a palavras ou expressões latinas, tem havido muita hesitação: algumas estão há tempo aportuguesadas e, assim, incorporadas ao vocabulário corrente, como **bônus, ônus, vírus, memorando, álibi**; outras continuam sendo escritas em Latim. Tem havido alguma dificuldade no aportuguesamento de alguns latinismos. Para **habitat** e **deficit**, por exemplo, o gramático Sacconi propõe **défice** e **hábita** que, como se percebe, não refletem fielmente a pronúncia latina).

Aportuguesar um estrangeirismo pode ser iniciativa de qualquer pessoa; é claro, porém, que é melhor que o façam, primeiro, os gramáticos e os professores de Português.

Como proceder? Simplesmente, aplicar o critério de aportuguesamento, não devendo o falante impressionar-se com o resultado que, no início, pode parecer-lhe estranho. Convém recordar que, lingüisticamente, não há palavras feias ou bonitas (a impressão de beleza ou feiúra das palavras é subjetiva, não lingüística); tudo é questão de costume, nada mais que isso.

Usamos, hoje, com a maior naturalidade, centenas de estrangeirismos e sequer nos damos conta de que são formas aportuguesadas que, no começo, podem ter chocado bastante.

Quem, por exemplo, estranha, atualmente, a palavra **futebol**? E **gol**? Quem, ainda, vai comemorar um **goal** marcado através de um **shoot** violento? Por acaso, alguém ainda vende **abat-jour** (em vez de **abajur**), **salsiccia** (em vez de **salsicha**) e **zarzaparrilla** (em vez de **salsaparrilha**)? Por acaso, alguém está interessado em comprar um **pick-up**? Provavelmente, está querendo comprar um **picape**<sup>4</sup>.

Portanto, aportuguesemos sem medo, ainda que o resultado, inicialmente, cause estranheza. Alguns exemplos: **know-how** > **norrau**, **free lancer** > **frilâncer** (já reduzido a **frila**), **spray** > **esprei**, **flash** > **fleche** ou **flexe**, **reveillon** > **reveiom**, **leasing** > **lísiogue**, **staff** > **estafe**, **apartheid** > **apartaide**, **iceberg** > **aicebergue**, **tape** > **teipe**, **lingerie** > **langerrri**, **shopping** > **xópingue/chópingue** (ou **xopim/chopim**), **video tape** > **videoteipe** etc.

### Resistência ao aportuguesamento

Interessante é verificar como algumas palavras estrangeiras resistem ao aportuguesamento, ou melhor, como as pessoas não tomam a iniciativa de aportuguesá-las.

---

<sup>4</sup> Bom lembrar que o empréstimo, uma vez aportuguesado, sujeita-se às regras da língua; assim, o plural de **gol** há de ser **gois** ou **goles** (**golos**, plural de **golo**, em Portugal e países africanos de fala portuguesa) e não **gols**, já que a terminação **ls** repugna ao nosso sistema lingüístico.

É o caso, por exemplo, de **show**, anglicismo desnecessário, mas de largo emprego no Português do Brasil, ao lado do nosso bom sinônimo **espetáculo**. A palavra deve ser grafada **xou** ou **chou**, já que ambas as formas espelham bem a pronúncia inglesa. O mesmo vale para **shorts** > **xortes** ou **chortes**; não há por que estranhar esses aportuguesamentos; alguém, hoje, estranha **xampu**, de **shampoo**?

E **strip-tease** como fica? E a italianíssima **pizza**? A palavra resiste bravamente: ninguém se atreve a mexer nos dois zês, que não podem existir em Português. Pelo critério de aportuguesamento poderíamos escrever **pítiça**, **pitça** ou **pitsa** (Luiz Antonio Sacconi propõe apenas **píteça** e **piteceria**; não sabemos de onde o competente gramático tira o **e** depois do **t**)<sup>5</sup>. Muitos acharão um escândalo, mas é corretíssimo você, que está no Brasil e fala o Português do Brasil, pedir uma **pítiça** e não uma **pizza**. (A palavra **pizzaria** é malformada: é hibridismo constituído por uma palavra escrita em Italiano e um sufixo português, de origem latina; é um bom exemplo de barbarolexia).

### “Portinglês”

A palavra tem sido usada para designar o grande número de anglicismos presentes, atualmente, no Português do Brasil. Trata-se de um processo de anglicização do Português. (A título de curiosidade: no dicionário Aurélio, só na pág. 1616, o número de palavras e expressões inglesas registradas chega a vinte! Queiram conferir. E o dicionário é da Língua Portuguesa!)<sup>6</sup>

Já vimos que muitos anglicismos são perfeitamente dispensáveis, e é o seu uso despropositado que está errado. Além da imitação sem qualquer objetivo, existe a intenção de tirar proveito comercial do inegável prestígio do idioma de Shakespeare; prestígio que, diga-se de passagem, cresceu muito a partir do término da Segunda Grande Guerra, quando começou a suplantiar o Francês. (Aliás, a influência do Inglês ocorre, hoje, em todas as línguas importantes; até no Japonês e Russo). No ensino brasileiro, por exemplo, é evidente a repercussão: o idioma de Baudelaire deixou, há tempo, de ser disciplina obrigatória no primeiro e segundo graus. (Sobe, agora, no Brasil, a cotação da Língua Espanhola que, nos Estados Unidos, já superou o Francês).

Além de palavras, ocorrem também, com grande frequência, estruturas inglesas que repugnam à índole do Português, língua neolatina. É, assim, o caso de **Palace Hotel**, em lugar de **Hotel Palácio**; de **Sorocaba Hotel**, em lugar de

<sup>5</sup> Não erre mais!, p. 256.

<sup>6</sup> Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

**Hotel Sorocaba**; de **Chico's Bar**, em lugar de **Bar do Chico** etc<sup>7</sup>. Na designação de estabelecimentos comerciais, serviços e empreendimentos imobiliários o Inglês põe de lado o idioma oficial do país; há de tudo, todas as combinações são permitidas: **cheese** mais... qualquer coisa, **lavacar**, **prontocar**, **Soropark** e o que mais - e é muito mais - a imaginação criar...

Já começa, também, a merecer capítulo especial o “informatiquês”, com suas incontáveis expressões e termos ingleses específicos, nem todos necessários.

### **Galomania e galofobia**

No passado, tivemos duas atitudes radicais: galomania e galofobia; a primeira gerou a segunda. O muito que se escreveu a respeito da matéria comprova a importância que se deu aos empréstimos franceses.

O nosso Carlos Góis escreveu um “Dicionário de Galicismos” e, muito antes, o Cardeal Saraiva: “Glossário não só das palavras mas também das frases da língua francesa que por descuido, ignorância ou necessidade se tem introduzido na locução portuguesa”.

Do inesquecível Dr. Castro Lopes, criador de alguns neologismos que ficaram perfeitamente esquecidos: “Neologismos Indispensáveis e Barbarismos Dispensáveis”.

Passado tanto tempo, pode-se, agora, fazer um balanço sereno da raivosa e indignada reação purista, iniciada no final do século 18, à invasão de palavras francesas no Português, que começou a ocorrer já no século 12, por razões literárias (Trovadorismo) e políticas. Sem dúvida, o resultado é muito desfavorável aos vernaculistas: francesismos com tanta veemência condenados estão definitivamente incorporados ao vocabulário corrente e correto, “naturalizados”, como os estrangeiros na vida civil, com o mesmo “status” de todas as palavras que temos por continuidade lingüística.

Tal o caso, entre muitíssimos outros, de **detalhe** (que suplantou **minúcia**, **minudência** e **pormenor**), **constatar** (usadíssimo ao lado de **verificar** e **averiguar**), **abajur** (para o qual, além de **quebra-luz**, se criou **lucivéu**), **chefe**, **chofer** (que se quis trocar por **cinesíforo**), **toailete**, **gesto** (no sentido de **ação**, **feito**), **artigos** (em lugar de **produtos**, **objetos**), **destacar** (que Cândido Figueiredo dizia ser “galicismo muito vulgar e inadmissível” e J. J. Nunes tinha

---

<sup>7</sup> Os fatos, hoje, não mais dão razão ao lingüista norte-americano Edward Sapir que disse, referindo-se ao Inglês: “Nossa língua tem-se expandido, porque os ingleses têm colonizado territórios imensos; mas nada indica que esteja insinuando-se no âmago de outro idioma qualquer, da maneira com que o francês atingiu a compleição da língua inglesa, ou o árabe se entranhou no persa e no turco”. (*A linguagem*, p. 194).

por “intolerável”, ao lado do derivado regressivo **destaque**), **felicitar, felicitação, ancestral** (para o qual se propôs **avito**), **abordar** (com o sentido de **discorrer sobre**), **croqui** (para **esboço, rascunho**), **revanche, eclosão** (**aparição, surgimento**), **brusco** (**repentino**), **extração** (**linhagem**), **bulevar, avalanche** (**aludel**) etc.

Quem, hoje, sabe que está usando galicismos, quando emprega **apartamento, avenida, burocracia**<sup>8</sup>, **bicicleta, confinar, emoção, envelope, evoluir, chapéu**? E quem deixa de usar, mesmo sabendo que são galicismos, **ateliê, carnê** (palavra que se tornou tão familiar aos brasileiros), **greve** (também muito familiar...), **restaurante** (ou alguém prefere **casa de pasto?**), **chassi, cabine, vitrina, feérico, nuance, virtuose, debutar, bijuteria, creche, butique, massacrar?**

“Em matéria de galicismos (...) todos pecamos, porque os mamamos com o leite”, disse Mário Barreto<sup>9</sup>. E isto, afinal, não aconteceu sem razão; pelo contrário, tem explicação clara e fácil: a enorme supremacia cultural e artística da França sobre Portugal e Brasil; a influência francesa calou fundo na vida dos dois países, deixando marcas indeléveis em todas as áreas do conhecimento e, praticamente, em todos os setores da atividade humana. Por isso, o tributo pago foi alto. (Tal influência existiu também em ralação a outros países, como, por exemplo, na Rússia czarista, quando era freqüente a alta sociedade falar Francês em lugar do Russo).

Embora bem menos numerosos que os empréstimos lexicais, não faltam, também os galicismos ditos frasais, como: *saltar aos olhos, redator em chefe, golpe de vista, ter lugar, a olho nu, de modo a* etc.

### Português em outras línguas

O Português, como vimos, sempre foi idioma muitíssimo mais importador que exportador de léxico, o que, aliás, sempre provocou irados protestos de ilustres filólogos, como Vasco Botelho do Amaral que se referia ao “sumo gosto

<sup>8</sup> A título de curiosidade, transcrevo também Mário Barreto que relata a origem da palavra (tantas vezes odiada) **burocracia**: “O francês **bureaucratie** é uma estranha mescla de uma palavra francesa e uma grega. Do baixo latim **bura = pano originário escuro**, formou-se o francês **bure = estofa, pano grosseiro de lã (burel)**; e de bure fez-se bureau = mesa coberta de bure; e à palavra **bureau** juntou-se depois **cratie: cracia**. Bureau significou primeiramente um **pedaço de tecido de lã (burel)**, mais tarde tapete com que se cobre uma mesa, depois a mesma mesa, depois a sala em que estava a mesa, depois o escritório, secretaria, repartição, mais tarde os empregados na dita repartição e, por último, o conjunto de indivíduos que dirigem as deliberações de qualquer assembléia ou reunião aos quais se chama o **bureau, a mesa**” (*Através do Dicionário e da Gramática*, p. 109).

<sup>9</sup> *De Gramática e de Linguagem*, p. 311.

que há em Portugal para papaguear termos, aplicando-os em largas acepções, desconhecidas até nas próprias línguas estrangeiras”<sup>10</sup>.

Matoso Câmara lembra que “o Português encheu-se sucessivamente de empréstimos italianos, espanhóis e franceses, pouco ou praticamente nada ministrando a essas línguas, em matéria de arte ou ciência”<sup>11</sup>. E Celso Cunha alude à ausência de “um estudo de conjunto sobre as palavras que se introduziram nos idiomas europeus por intermédio do Português”<sup>12</sup>.

Teoricamente, porém, nenhuma língua está a salvo de sofrer algum tipo de influência de outra, ainda que esta outra seja “fraca”, como a nossa.

Alguns trabalhos atestam a influência da Língua Portuguesa em outras. Gonçalves Viana, em suas **Palestras Filológicas**<sup>13</sup>, dá uma relação de palavras portuguesas no Japonês; de Rodolfo Delgado temos **Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas** (1913) e **Glossário Luso-Asiático** (1919 e 1921)<sup>14</sup>. Em 1970, Antônio Pinto da França publicou **Portuguese Influence in Indonesia** (Jacarta); na língua indonésia há centenas de palavras portuguesas.

### Acordar para o problema

Se, por um lado, é utopia a pureza lingüística, por outro (com o cuidado de não nos transformarmos em algum Policarpo Quaresma, alimentando xenofobias lingüísticas descabidas), não podemos deixar o Português ao deus-dará, para ver como é que fica. A França oferece bom exemplo: zela pela própria língua, cuida do seu prestígio que, ainda, é grande, e resiste, quanto pode, à invasão de estrangeirismos<sup>15</sup>.

<sup>10</sup> **Problemas da Linguagem e do Estilo**, p. 77.

<sup>11</sup> **Princípios de Lingüística Geral**, p. 328.

<sup>12</sup> **Língua Portuguesa e Realidade Nacional**, p. 105.

<sup>13</sup> **Palestras Filológicas**, p. 194.

<sup>14</sup> **Lições de Português**, p. 86.

<sup>15</sup> Informa Charles Berlitz: “Desde a Segunda Guerra Mundial, o francês vem sofrendo tal invasão de palavras inglesas (1.500 em uso corrente e um total de 2.600, de acordo com uma pesquisa recente de dicionaristas franceses) que as autoridades lingüísticas francesas estão constantemente envolvidas em tentativas de manter o francês francês. É historicamente interessante observar que o francês contribuiu - através da conquista normanda da Inglaterra - com cerca de 40 a 50 por cento de todas as palavras inglesas, mas que a reação dos franceses à invasão das palavras inglesas é uma resistência cheia de determinação” (**As Línguas do Mundo**, p. 288). O fato de existir no Inglês grande número de galicismos em nada tem afetado a disposição da França para evitar, o mais que pode, o surgimento de um “franglês”. O estado de alerta francês em relação ao Inglês é antigo. Em janeiro de 1973, por exemplo, o governo proibiu aos funcionários o emprego de determinadas palavras inglesas, como **fair-play**, **living-room**, **hit**, **pocket-radio** etc. No dia 24 de fevereiro de 1994, Jacques Toubon, ministro da Cultura da França, apresentou

A censura que, há bom tempo, Vasco Botelho do Amaral fazia aos portugueses serve bem aos brasileiros:

...o que se verifica, em triste realidade, é que não deve haver no mundo das línguas cultas outra nação com menos nacionalismo idiomático do que Portugal. Os franceses são orgulhosos e até vaidosos com a sua língua. Os ingleses desprezam por instinto os idiomas estrangeiros. "English", "English" e mais "English". Linguagem "made in England" é o que lhes interessa. Os espanhóis estropiam patrioticamente as palavras estrangeiras, que é um louvar a Deus. Os alemães e os italianos são notoriamente zelosos e ciosos dos seus falares. Em Portugal é o que se vê e o que se ouve. Fala-se e escreve-se deliciada ou até sadicamente um dialeto de afasia idiomática, paradoxalmente cheio de psitácicos peregrinismos<sup>16</sup>.

O Brasil precisa acordar para o problema - e quanto antes - através de providências oficiais eficazes, sensatas e exequíveis, através de um bom ensino em todos os graus e de medidas que obriguem os meios de comunicação a usar um Português correto e culto. À escola está reservado um papel extremamente importante nessa questão: cabe a ela e, de modo especial, aos professores de Português valorizar a língua, mostrar aos estudantes a importância, a beleza e a riqueza do Português e o que ele significa para a nacionalidade. Esta catequese se fortalecerá bastante, se contar com a ajuda dos meios de comunicação de massa.

É preciso criar, no país, uma comissão permanente, constituída por lingüistas e gramáticos de notável saber, ligada ao Ministério da Educação, para responsabilizar-se por tudo que diga respeito ao Português do Brasil: ensino da

---

ao Conselho de Ministros texto de projeto de lei que proibia o emprego de palavras estrangeiras em publicidade e inscrições em lugares públicos daquele país. Esse projeto, que foi apoiado pelos partidos do governo e pelo Partido Comunista Francês (apenas os socialistas se abstiveram), foi aprovado em 15 de abril do referido ano. Por se tratar, segundo o nosso conhecimento, de caso único nessa questão de importação vocabular, transcrevemos notícia publicada pela **Folha de S. Paulo**, de 16 de abril de 1994, com base em informações de agências internacionais: "A lei proíbe o uso de qualquer palavra ou expressão estrangeira em TV, rádio, anúncios, letreiros, transportes coletivos, lugares públicos e contratos de trabalho. Desde fevereiro, quando o ministro da Cultura anunciou o projeto, ele tem sido motivo de piada na França e fora dela. Os apresentadores de TV, por exemplo, a cada palavra inglesa pronunciada (como **weekend**, completamente incorporada à língua francesa), pedem desculpas ao ministro. O projeto, que deverá ser aprovado sem problemas no Parlamento, pretende impor também o francês como língua 'oficial' da informática, área dominada no mundo por termos ingleses. Multas ou fim de subsídios para as empresas ou órgãos que não respeitarem o projeto estão previstos. As palavras estrangeiras devem ser sempre substituídas por equivalentes francesas, a não ser nos casos em que a Academia de Letras reconheça que não existe tal palavra em francês. Assim, um **air bag** (**bolsa de ar**) passa a ser **sac gonfable**, um **best-seller**, um **succès de librairie**. Anúncios em Inglês devem vir acompanhados da tradução (como o da cerveja Guinness, que já está aparecendo nas revistas como **black beer/bière noire**").

<sup>16</sup> **Problemas da linguagem e do estilo**, p. 79.

língua em todos os graus, atualização da nomenclatura gramatical, reforma ortográfica, aportuguesamento de estrangeirismos, siglas, abreviaturas etc.

A seriedade do problema justifica plenamente a instituição dessa comissão: está em jogo a língua do país.

Em âmbito internacional, deveria haver, igualmente, uma comissão permanente, de alto nível, para cuidar do Português como idioma oficial de uma comunidade formada por sete países (Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe) e trabalhar para que a língua de Camões seja mais estudada, ouvida e respeitada no mundo.

Os países ibero-americanos, nossos vizinhos, sempre demonstraram muito interesse e preocupação com o Espanhol. Vários congressos das “Academias de la Lengua Hispanoamericana” já foram realizados. Aumento da migração de vocábulos estrangeiros, especialmente anglicismos no Espanhol, e necessidade de atualização de sua gramática têm sido muito debatidos nesses encontros internacionais. Exemplo a ser seguido.

### **Escravidão dispensável**

Encerro, transcrevendo sábias palavras de J. J. Nunes, um dos mais notáveis filólogos portugueses:

...o meio pelo qual um povo melhor afirma sua independência é o uso da linguagem própria, a de que se serviam os seus antepassados e lhes foi transmitida de geração em geração; substituímos pela dos outros a que herdamos é em certo modo renunciarmos ao modo de ser e pensar que nos caracteriza e define, para assumirmos o dos outros, por vezes tão diferente; é, numa palavra, uma escravatura, tanto mais indigna quanto nos não foi imposta pela força, mas aceita por nós sem o mínimo sinal de protesto ou revolta<sup>17</sup>.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. AMARAL, Vasco Botelho do. **Problemas da linguagem e do estilo**. Porto: Livraria Simões Lopes, 1948.
2. BARRETO, Mário. **De gramática e de linguagem**. 2.ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955.
3. BERLITZ, Charles. **As línguas do mundo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
4. CÂMARA JR., Joaquim Matoso. **Princípios de lingüística geral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

---

<sup>17</sup> **Digressões Lexicológicas**, p. 24.

5. CUNHA, Celso. **Língua portuguesa e realidade nacional**. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.
6. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda et al. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
7. NUNES, José Joaquim. **Digressões lexicológicas**. Lisboa: Clássica, 1928.
8. SACCONI, Luiz Antonio. **Não erre mais!**. 15.ed. São Paulo: Atual, 1991.
9. SAPIR, Edward. **A linguagem**. Introdução ao estudo da fala. 2.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.
10. SILVEIRA, Sousa da. **Lições de português**. 6.ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1960.
11. VIANA, A. R . Gonçalves. **Palestras filológicas**. 2.ed. Lisboa: Clássica, 1931.